

FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: TODO DISCURSO PRECEDE UMA CONFIGURAÇÃO IDEOLÓGICA

PHILOSOPHY AND EDUCATION: EVERY DISCOURSE PRECEDES AN IDEOLOGICAL CONFIGURATION.

**JOSÉ APARECIDO DE OLIVEIRA LIMA
JUNOT CORNÉLIO MATOS**

Resumo

O presente artigo teve como objetivo desenvolver uma problematização amparada pelas análises de discursos. Sua principal materialidade foram dois discursos do atual presidente da República: um ocorrido na cerimônia de posse no Congresso, em janeiro de 2019, e o outro, um pronunciamento em rede nacional sobre a Covid-19, manifestado em março de 2020. Este coloca a necessidade de contrariar órgãos internacionais de saúde pelo desenvolvimento econômico e aquele sobre governar “sem o viés ideológico”. Diante dessas materialidades, procurou-se problematizar nesse texto a possibilidade de um sujeito, de seu discurso e, respectivamente, de sua prática sem uma configuração ideológica. Decerto, enfatizou-se essas questões alicerçadas por alguns dos principais referenciais teóricos na área, por exemplo, Louis Althusser (1985), Eni Puccinelli Orlandi (1942), Michel Pêcheux (2014) e Valentin Volóchinov (1895), além de serem utilizados alguns comentadores, tal como Cavalcante (2009).

Palavras-chave: Análise do Discurso. Discurso Ideológico. Conceito de Ideologia.

Abstract

The present article aims to develop a problematization supported by discourse analyses. Its main materiality consisted of two speeches by the current President of Brazil: one given at the inauguration ceremony in Congress in January 2019, and the other a national address on Covid-19 in March 2020. The former speech emphasizes the need to contradict international health organizations for economic development, while the latter advocates for governing "without ideological bias". In light of these materials, this text seeks to problematize the possibility of a subject, their discourse, and their respective practices without an ideological configuration. These issues are emphasized based on some of the main theoretical references in the area, such as Louis Althusser (1985), Eni Puccinelli Orlandi (1942), Michel Pêcheux (2014), and Valentin Volóchinov (1895), along with some commentators, such as Cavalcante (2009).

Keywords: Discourse Analysis. Ideological Discourse. Concept of Ideology.

INTRODUÇÃO

“Não existe imparcialidade. Todos são orientados por uma base ideológica. A questão é: sua base ideológica é inclusiva ou excludente?” (Paulo Freire).

Primeiramente, queremos deixar claro que não pretendemos realizar um estudo metódico acerca da Análise do Discurso, mas desenvolver uma problematização sobre a formação ideológica de um sujeito, sobretudo, pensando em um sujeito envolto na política e na governabilidade de um país.

Como materialidades de nossa análise, trataremos de desvelar trechos do discurso de posse do atual presidente da República Federativa do Brasil, em 1º janeiro de 2019, e do discurso proferido na imprensa nacional sobre o combate à pandemia do “coronavírus” no país, manifestado em 24 de março de 2020.

Nosso intuito, portanto, é revelar enunciados que denotam um “viés ideológico”, sobretudo neoliberalista. A exagerada crítica do então presidente às “ideologias” dos governos anteriores nos instigaram a investigar a possibilidade ou a impossibilidade de uma política e de um sujeito sem uma formação ideológica.

Não obstante, atualmente presenciamos nos meios de comunicação discursos “ideológicos” que denotam recortes acentuadamente autoritários, com tendência aos mecanismos de desigualdade e com fortes resquícios de segregação econômica e social, na qual se desenvolvem declarações pautadas nos moldes paradigmáticos de um cenário conservador.

Ora, segundo Laura Pizzi (2006, p. 13), vale destacar ainda que:

O crescimento acelerado nas comunicações e na mídia, tais como rádio e TV via satélites, telefones móveis, e-mails, serviços de informações, propaganda, serviço pessoais, vendas e entretenimento via internet, tem criado uma nova mídia para o uso da linguagem e, em decorrência, a linguagem passa a ser cada vez mais investigada. De um lado, mantida sob vigilância e supervisão, principalmente nas escolas, onde os guardiões da boa linguagem estão em constante controle em nome da linguagem correta, e de outro, pelos meios de comunicação, que tentam aumentar cada vez mais seus impactos para chamar a atenção do leitor/ouvinte.

Decerto, podemos compreender, portanto, que os discursos estão progressivamente acorrentados, sempre, a um meio e/ou a um objetivo, seja de mercancia, seja pela simples expressão de agradar as massas, seja pelo entretenimento, seja pela perspicácia linguística, seja de autonomia desveladora, seja de manipulação.

Problematizando, quando tratamos de concepções, ideais, teorias e representações estamos tratando, na verdade, de ideologias estabelecidas? Ou melhor, como percebemos a relação envolvendo o patrão e o empregado? Como presenciamos a defesa de uma ideia em detrimento de outras? Como estabelecemos posições políticas, econômicas e sociais? A segregação social pode estar amparada no discurso “ideológico” inculcado pelos anseios e objetivos capitalistas? Defender um país de um “viés ideológico” seria uma atitude ideológica? As posições políticas e econômicas não se referem a uma formação ideológica? A valer, essas relações seguem uma formação ideológica ou não?

Acrescentando ainda à nossa problematização: em pleno século XXI, naquilo que se refere à relação com o outro e no qual a informação é abrangente, como seria possível pensar uma sociedade sem ideologia? Nesse aspecto, por qual razão o sujeito tem o “direito” de ferir o outro por pensar diferente? Esse ato violento contra o outro não seria um ato precedente de uma formação ideológica? Por que, na relação com o outro, permitimos a colonização de um discurso mercadológico, no qual o outro é sempre um adversário ou uma eminente ameaça

ao meu êxito próprio? Assim, podemos considerar que o discurso e a prática de um sujeito são inerentes a uma formação ideológica? Ou, por outro lado, o sujeito pode agir sem um viés ideológico? Podemos realmente afirmar que é possível governar um país, um Estado ou um município sem um viés ideológico?

Essas problematizações têm uma única característica: compreender o lugar do sujeito e os efeitos de seu agir no mundo, pois “[...] essas são algumas das variáveis que se tem de levar em conta, quando se pretende compreender o lugar do sujeito do discurso e dos efeitos discursivos da sua práxis” (CAVALCANTE et al., 2009, p. 49).

O DISCURSO E SUA CONFIGURAÇÃO IDEOLÓGICA

[...] o conceito de Ideologia em geral permite pensar ‘o homem’ como ‘animal ideológico’, isto é, pensar sua especificidade enquanto parte da natureza [...] A história é um imenso sistema natural-humano em movimento, cujo motor é a luta de classes (PÊCHEUX, 2014, p. 138).

Partindo de uma premissa na qual nenhum enunciado é neutro e, portanto, todo discurso é ideológico, é relevante destacar que um enunciado decorre de um convívio social, ou seja, podemos constatar que “[...] toda e qualquer enunciação é resultado das relações sociais que o sujeito estabelece” (CAVALCANTE et al., 2009, p. 53).

Nesse sentido, a configuração ideológica de um discurso dispõe de contextos históricos e conceituais que sugerem atenção aos seus significados e discordâncias. Hoje, não é difícil observar o termo “ideologia” associado à posição exclusiva de determinado partido político ou depreciando lutas sociais. Para Michel Löwy, essas afirmações traduzem-se em “[...] contradições, de paradoxos, de arbitrariedades, de ambiguidades, de equívocos e de mal-entendidos” (LÖWY, 2015, p. 17).

Claro, esse contexto de enunciação ideológica está vinculado aos fenômenos sociais. Ou melhor, a uma conjuntura composta de interesses, doutrinas, teorias, posições políticas e econômicas, sobretudo quando “[...] o enunciado como tal é em sua completude um produto da interação social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 216).

Pela percepção apressada sobre o conceito de “ideologia”, constatamos um discurso pautado nas utopias. Ora, a ideia de uma utopia que busca romper com uma ideologia nada mais é que a ideia de um discurso tracejado em uma realidade inexistente, no qual “[...] têm, portanto, uma dimensão crítica ou de negação da ordem social existente e se orientam para sua ruptura” (LÖWY, 2015, p. 20).

É importante perceber a diferença no discurso ideológico. Ideologia não pode ser marcada pela ação abstrata ou neutra. Ideologia é materializada no agir com o outro e com fins de alcançá-lo. Noutras palavras, a ideologia funciona “[...] nas relações sociais de produção e abrange as determinações de classe e os horizontes culturais dos integrantes de uma formação social [...]” (CAVALCANTE et al., 2009, p. 39).

Michael Löwy (2015, p. 20) se utiliza do pensamento sociológico de Karl Mannheim (1976) para conceituar a ideologia como o “[...] conjunto das concepções, ideias, representações, teorias, que se orientam para a estabilização, ou legitimação, ou reprodução, da ordem estabelecida”.

Na percepção de Jürgen Habermas (2014, p. 117) em seu livro *Técnica e ciência como “ideologia”*, publicado originalmente em 1968, temos um conceito atualíssimo de ideologia vinculado hoje a uma concepção política neoliberalista, no qual:

A ideologia de fundo hoje dominante, embora mais transparente, transforma a ciência em um fetiche [...] pois, com o afastamento das questões práticas, não apenas justifica o interesse parcial de dominação de uma determinada classe e reprime as necessidades de emancipação igualmente parciais de uma outra classe, como também afeta o interesse emancipatório de toda a espécie enquanto tal.

A questão aqui provocada por Habermas é fundamentada na necessidade de reconstrução do pensamento crítico e na forma de rever as coisas. É preciso romper com uma formação indolente. Essa formação ideológica suscita uma consciência desinteressada e indiferente em relação aos problemas do outro e do mundo. Esse idealismo neoliberal, como um lindo sonho de verão, se difunde como uma lógica perversa que compromete a formação daquilo que é intrínseco ao ser humano, ou seja, sua humanização.

Diante disso e tendo em vista nossa pequena discussão até aqui, como impor, de maneira ardilosa, uma impregnação ideológica sob a hegemonia de um só partido político ou sob uma só classe social? Mészáros (2015), em seu livro *A montanha que devemos conquistar*, coloca a necessidade de uma mudança radical da sociedade, se desprendendo das transformações teóricas ocorridas historicamente com valores e interesses subjacentes empregados, ideologicamente, pelas classes dominantes a uma sociedade sem resistência ou sob qualquer questionamento acerca da ideologia imposta.

A preservação da conformação social deve configurar a luta por uma transformação da sociedade, na qual a conformação deve ser caracterizada apenas pela preservação da memória, das culturas, das lutas, das conquistas e das resistências de um povo. Por outro lado, a transformação social deve ser transcendente na configuração de novas memórias e de novas culturas. Ora, “[...] o que não se transforma, se petrifica” (SEVERINO, 2010, p. 157).

Em sintonia com esse pensamento e sob o prisma de Michel Pêcheux (2014), a ideologia pode tomar a forma de “aparelhos ideológicos de Estado” como práticas de transformação, ou seja, como “lutas de classe”. Nesse caso, podemos compreender que a “ideologia” pertence a uma determinada época, conjuntura social e econômica, com traços de um resolutivo contexto histórico e proveniente de um determinado grupo social, como veremos no próximo item.

Portanto, a ideologia não pode ser dissociada do contexto histórico de uma sociedade, tampouco pode ser predomínio de uma só posição política ou classe social. A ideologia faz parte da caracterização fundante da formação social e discursiva de um sujeito. “Assim, pressupõe-se que o discurso se materializa na língua, que apresenta uma relativa autonomia, e é constituído pela história e pela ideologia” (MELO, 2011, p. 61). Noutras palavras, não existe discurso sem história e sem ideologia!

A IDEOLOGIA SERVIDA AOS APARELHOS IDEOLÓGICOS DE ESTADO

As determinações ideológicas compõem o sujeito do discurso. Esse sujeito é constituído por uma história que destina uma prática e um discurso ideológico. A ação precede uma ideologia e a existência de uma ideologia realiza-se pelos sujeitos e para os

sujeitos, ou melhor, “[...] a categoria de sujeito [...] é a categoria constitutiva de toda ideologia” (PÊCHEUX, 1990, p. 149).

Vale ressaltar que os conceitos básicos de ideologia, de aparelhos ideológicos de Estado e do aspecto de hegemonia ideológica das classes dominantes fundamentam as condições ideológicas existentes na formação das relações de reprodução/transformação inerentes a uma parte da sociedade.

Segundo Volóchinov (2017), a construção do sujeito ideológico pode estar vinculada à sua formação em sociedade que fica conectada à “vivência do eu” individualista ou da “vivência do nós” de maneira coletiva. Diante disso, “[...] o contexto social mais próximo determinará os possíveis ouvintes, aliados ou inimigos” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 207).

De outro modo, é relevante destacar a ideologia não como única forma de efetuar o processo de reprodução/transformação das relações de produção de uma formação social, mas, além disso, salientar o aspecto das determinações históricas, a partir das quais o sujeito é afetado pela linguagem e pelos meios de significação na relação com o outro e com o mundo.

Tomando como sustentação o pensamento de Louis Althusser (apud Pêcheux, 1990), a ideologia de nosso tempo atual pode ter características de reprodução ou de transformação. Segundo o autor: “[...] de um lado, o que contribui para a reprodução das relações de produção e, de outro, o que contribui para sua transformação [...]” (ALTHUSSER, 1985, p. 144). A valer, as ideologias podem enfatizar os enunciados e as práticas das classes dominantes e dominadas, porém não só de uma determinada classe.

Nesse aspecto, vale destacar que na perspectiva dos “aparelhos ideológicos de Estado”, estes ocorrem enquanto reformulação de paradigmas; esses “aparelhos” não representam apenas um instrumento ideológico da classe dominante, resultam ainda do estímulo das classes dominadas de resistir e contradizer. Assim, é importante destacar que, nesse sentido, a ideologia assume também uma prática de lutas de classes.

Ora, os discursos e as práticas ideológicas nos perpassam a todo o momento. Segundo Pêcheux (2014, p. 132):

[...] a instância ideológica existe sob a forma de formações ideológicas [...], que ao mesmo tempo, possuem um caráter ‘regional’ e comportam posições de classe: os ‘objetos’ ideológicos são sempre fornecidos ao mesmo tempo que a ‘maneira de se servir deles’ – seu ‘sentido’, isto é, sua orientação, ou seja, os interesses de classe aos quais eles servem –, o que se pode comentar dizendo que as ideologias práticas são práticas de classes (de luta de classes) na Ideologia.

Confrontar o pensamento de Michel Pêcheux com a nossa realidade contemporânea/neoliberalista é autorrefletir sobre as atuais posições enrijecidas das relações com o outro e com o mundo. Portanto, como negar uma prática ou um pensamento sem “vieses ideológicos”?

Claro, essa necessidade de enfatizar uma ação sem ideologia nos remete ao pensamento de Eni Orlandi (2007) sobre *As formas do silêncio*, pois no sentido da opressão destaca-se o silenciamento das vozes sociais, nas quais “[...] proibem-se certas palavras para se proibirem certos sentidos” (ORLANDI, 2007, p. 76).

DESVELANDO DISCURSOS “IDEOLÓGICOS” DO ATUAL PRESIDENTE DO BRASIL ELEITO PARA O MANDATO ENTRE 2019 E 2023

Utilizando um dicionário básico de Filosofia, temos que “desvelar” caracteriza, dentre outros sentidos, a manifestação da “verdadeira” realidade encoberta. Noutras palavras: “Em Platão, a verdade (*alethéia*) significa desvelamento do ser, isto é, descobrimento daquilo que estava oculto, retirado do véu” (JAPIASSÚ, 2006, p. 70).

Primeiramente, não é nosso objetivo enfatizar se os discursos são verdadeiros ou falsos, tampouco temos a intenção de ressaltar erros ou acertos do sujeito linguístico de nossa análise do discurso em questão, mas investigar “recortes” de manifestações linguísticas que denotam uma “ideologia”, resultante da formação histórica e identitária, anteriormente observada nos subitens deste artigo. Para Cavalcante et al. (2016, p. 111): “Como sujeito e sentido não são transparentes, precisamos desconfiar do óbvio, pois não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia”.

Nesse aspecto, pensamos que o posicionamento do sujeito do discurso analisado compreende questões de formação de sentidos, que denotam sua construção identitária, ou seja, o ensinamento familiar, a posição política e econômica, a doutrinação religiosa e o adestramento patriarcal.

Cavalcante et al. (2016, p. 107) colocam que:

Se o discurso é mediação entre os homens, efeitos de sentido entre interlocutores, isto significa que não estamos tratando de transmissão de informações, mas sim de efeitos de sentido que devem ser levados em consideração junto com as relações entre os sujeitos e as condições de produção do discurso.

Assim, o discurso do sujeito configura uma posição ideológica. Contudo, não podemos perceber uma ideologia como mera utopia, como já observado anteriormente. Segundo Löwy (2015), o discurso ideológico tem como característica a “visão de mundo”, quer sob os olhos da ação dominante, quer sob os olhos da ação dominada.

Primeiramente, tomando como materialidade de nossa análise do discurso a persistente fala do atual presidente do Brasil na cerimônia de posse no Congresso Nacional, na qual reproduz continuamente: “governar sem o viés ideológico”, podemos indagar que não existe uma política, uma governança ou uma ação sem viés ideológico:

Segundo o presidente eleito:

Montamos nossa equipe de forma técnica, sem o tradicional viés político que tornou nosso Estado ineficiente e corrupto. Vamos valorizar o Parlamento, resgatando a legitimidade e a credibilidade do Congresso Nacional. Aproveito este momento solene e convoco cada um dos congressistas para me ajudar na missão de restaurar e de reerguer nossa pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica.¹

¹ Discurso do presidente Jair Bolsonaro na cerimônia de posse no Congresso. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>.

Destarte, como configurar o “tradicional viés político” segundo esse discurso? Tomando pelo dicionário da língua portuguesa (2010), entendemos que “tradicional” é relativo à tradição, ou melhor, a um “[...] conjunto de costumes, crenças ou conhecimentos passados de geração a geração” (SARAIVA JOVEM, 2010, p. 1189). Ora, considerando como argumento o entendimento de “tradicional viés político”, como classificar alguns dos políticos que são eleitos – e foram novamente eleitos na atual eleição – pelo povo durante cerca de 30 anos? Seria parte dessa tradição o nepotismo de familiares na política? Ou seja, a prática de empregar os membros da família em importantes cargos públicos. Então, esses exemplos podem refletir um “tradicional viés político”? Podemos desvencilhar essas questões do atual governo?

De fato, utilizar chavões para criminalizar ou negar uma posição ideológica na qual todos os sujeitos estão submetidos é tentar encobrir sua própria ideologia, que não pode ser neutra nem inocente.

Noutras palavras:

Não há, pois, discurso neutro ou inocente, uma vez que ao produzi-lo, o sujeito o faz, a partir de um lugar social, de uma perspectiva ideológica e, assim, veicula valores, crenças, visões de mundo que representam os lugares sociais que ocupa (CAVALCANTE et al., 2009, p. 28-29).

Por certo, o próprio sujeito do discurso analisado, mesmo de maneira inculta, ele, o atual presidente, estabelece um discurso ideológico. A valer, é necessário entender que “Só há prática através de e sob uma ideologia; só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos” (PÊCHEUX, 2014, p. 135).

Noutro recorte, é perceptível uma ideologia neoliberalista em seu discurso, no qual a importância é “preparar mão de obra para o mercado de trabalho” sob o viés “ideológico” da meritocracia, ou seja, “conquistar, pelo mérito, bons empregos”:

Daqui em diante, nos pautaremos pela vontade soberana daqueles brasileiros: que querem boas escolas, capazes de preparar seus filhos para o mercado de trabalho e não para a militância política; que sonham com a liberdade de ir e vir, sem serem vitimados pelo crime; que desejam conquistar, pelo mérito, bons empregos e sustentar com dignidade suas famílias.²

Diante desse recorte, podemos perceber um discurso ideológico no que se refere à sistematização da educação, pela reprodução de conteúdos e por mais competências, e pela desigualdade de oportunidade, objetivando adaptações pautadas na meritocracia. Claro, esse discurso enfatiza a ideia de uma educação messiânica, com o objetivo principal de preparar o sujeito para o mercado de trabalho, para suprir suas necessidades de consumo e, sobretudo, para “ajudar” no desenvolvimento da economia do país. Um círculo vicioso e dependente. Nesse caso, “[...] a escola é vista, então, como privilegiado aparelho ideológico do Estado que, por sua vez, não é um representante dos interesses universais da sociedade, mas tão somente de grupos privilegiados e, consequentemente, dominantes” (SEVERINO, 2010, p. 160).

² Discurso do presidente Jair Bolsonaro na cerimônia de posse no Congresso. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>.

Ora, podemos considerar, portanto, uma visão ideológica de educação com traços neodesenvolvimentistas³, na qual, de fato, “[...] a educação não é um negócio [...] não deve qualificar para o mercado [...] não é uma mercadoria” (MÉSZÁROS, 2008, p. 8).

Vivenciamos cortes acentuados na educação e na pesquisa⁴. O indício de um desmanche na educação é providencial, além da demonização da classe docente e de pesquisadores. O discurso contra a educação é o discurso a favor da dessensibilização dos sujeitos, que tem como objetivo uma formação pautada nos moldes da sistematização e da instrumentalização do senso comum.

Em outro aspecto, a ideia ideológica de “conquistar pelo mérito” é ressaltar que se você “quer” você “consegue”, pois “querer é poder”, mesmo sem considerar as desigualdades de oportunidades, mesmo sem considerar o contexto social de destituições e privações. Esse discurso ideológico pode ser considerado neoliberalista, segregador e hegemônico. Vale ressaltar, portanto, que toda hegemonia causa exclusão. Vivemos o país da desigualdade social. Vivemos em um país excludente, que tem preconceito de raça, de credo, de gênero.

Em outro trecho de seu discurso na cerimônia de posse, o então presidente destacou primeiro “unir o povo”. Adiante, salientou um “combate à ideologia de gênero” e, no fim, mais uma vez, enfatizou a necessidade de “um país livre das amarras ideológicas”:

*Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um país livre de amarras ideológicas.*⁵

Pois bem, para “unir” um povo é preciso “combater” quem pensa diferente? Pensar em um “país livre” é excluir aquilo que está “fora do senso comum”? Destarte, tomando como suporte o Dicionário da Língua Portuguesa (2010), compreendemos que “combater” provém de “combate” e, assim, de acordo com seu significado, quer dizer:

1. Luta, conflito físico, confronto físico; campanha militar (Os soldados estavam armados para o combate.); 2. Campanha, ação para controlar, conter ou dominar (O combate a algumas doenças é feito com medidas de higiene, como lavar sempre os alimentos antes de ingeri-los.) (SARAIVA JOVEM, 2010, p. 228).

Ora, o discurso revela significados antagônicos em relação aos desejos serenos de “união”, de “respeito” e de “valores”. Nesse caso, a fala excludente e conservadora do autor do discurso pode retratar a formação ideológica desse sujeito? De fato, esse discurso excludente “[...] se configura nas posições (formações ideológicas) em que se inscrevem. As formações ideológicas, como organização de posições políticas e ideológicas, constituem

³ Para Boaventura de Souza Santos (2013, p. 93): “[...] este modelo de desenvolvimento é menos flexível do que se imagina na distribuição social e totalmente rígido na sua estrutura de acumulação”.

⁴ <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2019/07/educacao-e-a-area-mais-afetada-pelos-cortes-de-orcamento-por-bolsonaro/>

⁵ Discurso do presidente Jair Bolsonaro na cerimônia de posse no Congresso. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>.

suportes indispensáveis para as formações discursivas” (CAVALCANTE et al., 2009, p. 72-73).

Em nosso último recorte acerca do discurso do presidente da República Federativa do Brasil, apresentamos o persistente termo utilizado por ele, de que pretende governar o país “sem o viés ideológico”:

*Precisamos criar um ciclo virtuoso para a economia que traga a confiança necessária para permitir abrir nossos mercados para o comércio internacional, estimulando a competição, a produtividade e a eficácia, sem o viés ideológico. Da mesma forma, todo setor produtivo terá um aumento da eficiência, com menos regulamentação e burocracia.*⁶

Percebemos nessa fala uma voraz necessidade de desenvolvimento, na qual a ideologia neoliberal caracteriza as práticas e os discursos. Com efeito, “criar um círculo virtuoso para a economia com menos regulamentação” é configurar uma política ideológica de interesses econômicos em que uma maioria não reconhece as minorias. Segundo Boaventura de Souza Santos (2013, p. 79): “[...] temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza e temos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos trivializa”.

Utilizando novamente o dicionário, vemos que “regulamentação” provém de “regulamento”, que quer dizer: “conjunto de regras ou normas” (SARAIVA JOVEM, 2010, p. 1000). Nesse caso, podemos perceber que a ideia explícita no discurso é a promessa de mais empregos, de mais desenvolvimento econômico, de mais facilidade para o empregador, contudo, de forma subjacente, qual impacto para o trabalhador “menos regulamentação” no trabalho? Nessa ocasião, serão menos direitos trabalhistas?

Vale ressaltar que a luta contra os modelos de desenvolvimento neoliberais é a luta contra um sistema capitalista e suas ideias de exploração, privatização e hegemonia. Lembramos que nos termos ideológicos do neoliberalismo, “[...] o desenvolvimento passou a ser mais antissocial, mais vinculado do que nunca ao crescimento, mais dominado pela especulação financeira, mais predador do meio ambiente” (SANTOS, 2013, p. 88). Ora, “agro é tec, agro é pop, agro é tudo” e o “tudo” significa que agro é morte também. É só verificar os altíssimos índices de agrotóxicos despejados nas mesas dos consumidores⁷.

Dando continuidade às investigações, a nossa segunda materialidade tem a ver com o discurso do atual presidente tratando da Covid-19⁸, doença caracterizada como uma pandemia. A Covid-19 é um agente causador de infecções respiratórias. O vírus foi descoberto em Wuhan, na China, em 31 de dezembro de 2019, e seu contágio registra, até o momento, milhões de infectados e centenas de milhares de mortos em todo mundo. Outra característica principal da doença é seu poder de disseminação.

⁶ Discurso do presidente Jair Bolsonaro na cerimônia de posse no Congresso. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>.

⁷ <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2019/05/21/governo-federal-aprova-registro-de-mais-31-agrotoxicos-somando-169-no-ano.ghtml>.

⁸ <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>.

No Brasil, especialistas acreditam que o país possa se tornar o novo epicentro da doença no mundo⁹. A pandemia mobilizou confinamentos e readequações de higiene individual em todo o território nacional para um bem coletivo. Por outro lado, o discurso do atual presidente do Brasil, diante de todo esse cenário, é sobre preocupação econômica e não sobre cuidado com o risco de vida:

O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa.

A Itália, o maior epicentro da doença depois de Wuhan (isso em maio de 2019), sofre os resultados de uma quarentena ineficiente. Pensa-se que “o erro da Itália foi subestimar a doença”. O medo à época não era ver o Brasil se tornar uma nova Itália com mais de 120 mil mortes atualmente, o temor foi assistir o Brasil se tornar um dos epicentros da doença no mundo e chegar em meados de 2021 a mais de quinhentas mil mortes por covid.¹⁰

A fala do presidente sobre a doença sempre foi minimizada pelo ar patriota do desenvolvimentismo financeiro. Esse discurso avassalador sobre a necessidade de desenvolvimento econômico de um país pelo sacrifício de sua sociedade pobre e assalariada tem como característica perceber a produção como finalidade do ser humano e a riqueza como finalidade da produção. Um círculo dependente, vicioso e segregador.

Seu discurso sugere uma visão puramente tecnicista e objetivista, na qual o discurso ideológico está sustentado na confrontação das pesquisas científicas, na supressão do problema e na indiferença estatística, sobretudo quando tratamos do outro como um objeto que pode ser descartado e/ou manipulado. Para o filósofo alemão Jürgen Habermas (2000, p. 28): “Trata-se da estrutura da auto-relação do sujeito cognoscente que se dobra sobre si mesmo enquanto objeto para se compreender como em uma imagem especular, justamente de modo ‘especulativo’”.

O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação caso se contamine.

No discurso do presidente, a especulação de contaminação é literalmente para pessoas acima de 60 anos. Ora, como pensar em escolas abertas com seus filhos e netos expostos? Como pensar esse contato entre as crianças e os adolescentes com os mais idosos posteriormente? A análise do presidente é puramente objetivista e indolente. Seria essa a afirmativa mais essencial: pelo mercado, tudo?

⁹ <https://saude.abril.com.br/medicina/o-brasil-vai-virar-o-novo-epicentro-da-pandemia-de-coronavirus/>.

¹⁰ <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/erro-da-italia-foi-subestimar-a-doenca-diz-biologa-brasileira-que-vive-em-milao,051d85d2854445d10ad5d0e574c96fad9ax9896a.html>.

O que presenciamos foi uma doença letal a todas as idades. Desde os mais velhos a jovens de todas as idades tiveram suas vidas ceifadas pela doença e por incompetência do presidente naquilo que era essencial, como políticas de combate a doença, através da informação correta e vinculada a diretrizes da Organização Mundial de Saúde.

Consequentemente, é interessante não só refletir acerca de um discurso humano com características pautadas na horizontalidade da socialização e reciprocidade, como também na crítica subversiva, tal qual com o contributo de contradizer e resistir aos mecanismos de dominação e autoritarismo.

CONCLUSÃO

Portanto, podemos concluir que todo discurso é ideológico. Todo discurso é categoria fundante da formação social. A construção social de nossa identidade – ou mesmo o contexto social no qual estamos imersos – determinará a forma ideológica de nossas práticas e enunciados.

Os trechos analisados do discurso de posse e do discurso sobre a Covid-19 do atual presidente da República do Brasil implicam nos alertas de Eni Orlandi (2007) quanto à apatia de quem houve e quanto à omissão de quem fala, pois no silenciamento político, aquilo que fica anti-implícito na relação dito/não dito busca ocultar contextos sócio-históricos, destarte “[...] a política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis” (ORLANDI, 2007, p. 73).

A política do silenciamento tem resquícios de uma conscientização alienante, pois o sujeito indolente nem sempre percebe os aspectos da verdadeira realidade. A política do silenciamento reverte a ideia de uma realidade para outra de acordo com os aspectos de seu juízo e de suas aspirações ideológicas. O sujeito alienado valida essa realidade com vista também em suas ilusórias representações e ambições.

Ora, do alienante para o alienado:

Ocorre um falseamento [...] um desvirtuamento de seu proceder, decorrente, sobretudo, da pressão de interesses [...] esses interesses/valores, que intervêm e interferem na atividade cognoscitiva e valorativa da consciência, nascem das relações sociais de poder, das relações políticas, que tecem a sociedade. É para legitimar determinadas relações de poder que a consciência apresenta como objetivas, universais e necessárias, portanto supostamente verdadeiras, algumas representações que, na realidade social, referem-se de fato a interesses de grupos particulares, em geral, grupos dominantes, detentores do poder no interior da sociedade (SEVERINO, 2010, p. 161).

Nesse sentido, não podemos considerar que um discurso oficial seja silenciador da possibilidade de outros discursos de sentidos (MELO, 2011). De fato, o discurso de um sujeito não deve ter a audácia de colocar um ponto final na fala e nas aspirações do outro. A produção linguística de saberes e de interesses deve buscar um consenso coletivo, descentrado e, sobretudo, de resistência e de contradição.

Sem dúvidas, vivenciamos um discurso atual com características ideológicas acentuadamente de alienação, segregação, autoritarismo e, sobretudo, pautado na relação verticalizada preconceituosa com o outro e com o mundo. Contudo, como visto na “ideologia

servida aos aparelhos ideológicos do Estado”, é preciso resistir e contradizer aos mecanismos de exclusão e segregação. Vivenciamos um tempo histórico que urge por reconhecimento.

Segundo afirma o cronista Marlon Silva (2016, p. 50):

É preciso pernas. E haja ombros largos, e mãos grossas, e costas flexíveis. Todavia, muita fé é necessária. Pois as coisas estão desencontradas: o certo, vão entortando; o direito, vão desviando, e a gente vai precisando de mais força, de mais coragem, para continuar o caminho, para preparar o corpo para receber os ferrões dos espinhos da indiferença, para acreditar na intenção da ação.

Ademais, não reconhecer que lidamos com uma sociedade heterogênea, com pessoas dotadas de individualidades e inseridas em contextos multifacetados, é negar aquilo que faz parte da identidade histórica e subjetiva de cada ser humano, ou seja, suas crenças, culturas, sentimentos, aspirações, valores, entre outros, particularidades que devem ser consideradas e que estão suprimidas das percepções e dos discursos da sociedade atual. É lamentável que, ao lado do sofrimento imensurável que estamos experimentando, corremos o risco de sermos vítimas de bactérias antidemocráticas.

Não podemos perder o nosso foco mirando um palco onde o bufão desvia nosso olhar enquanto capatazes trucidam direitos e conquistas. Estejamos atentos e mobilizados sem tirar o pé da verdadeira luta que nos interessa: preservar a vida, a lucidez, a capacidade de resistir.

Decerto, não existe construção identitária sem uma autorreflexão histórica. Portanto, podemos concluir que toda construção e autorreflexão passa por uma base ideológica. Resta saber se esse alicerce ideológico é inclusivo ou excludente, se é abrangente ou segregador e, sobretudo, se é democrático ou ditatorial.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2. ed. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. **Análise do discurso: fundamentos & práticas** / Ana Maria Gama Florêncio. ...[et al.]. Maceió: EDUFAL, 2009.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como “ideologia”**. Tradução de Felipe Gonçalves da Silva. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade: doze lições**. Tradução de Luiz Sergio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção tópicos).

JAPIASSÚ, Hilton. MARCONDES, Danilo, 1934. **Dicionário básico de Filosofia** / Hilton Japiassú, Danilo Marcondes. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. Biblioteca de Ciências Sociais. Editora: Zahar Editores, 1976.

MELO, Kátia. **Discurso, consenso e conflito**: a (re)significação da profissão docente no Brasil. Maceió: EDUFAL, 2011.

MÉSZÁROS, István, 1930. **A montanha que devemos conquistar**: reflexões acerca do Estado. Tradução de Maria Izabel Lagoa. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015. (Mundo do Trabalho).

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. Tradução de Isa Tavares. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli, 1942. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

PIZZI, Laura. **Educação e linguagem**: saberes, discursos e práticas / Neiza de Loudes Frederico Funes e Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante. ...[et al.]. Maceió: EDUFAL, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa; CHAUÍ, Marilena. **Direitos humanos, democracia e desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2013.

SARAIVA JOVEN. **Dicionário da língua portuguesa ilustrado** / organização da Editora. São Paulo: Saraiva, 2010.

SEVERINO, A. J. **Desafios da formação humana no mundo contemporâneo**. Revista de Educação PUC-Campinas. n. 29: jul-dez./2010, p. 153-164.

SILVA, Marlon. **Alguns nós**. Teotônio Vilela: Ed. do autor, 2016.

VOLÓCHINOV, Valentin, 1895 – 1936. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017. (1ª Edição).